Dia 7 — São Romualdo, Abade, Fundador da Ordem dos Camaldulenses

Nasceu São Romualdo em Ravena por volta do ano de 936. Era sua casa ducal e, ainda em seu tempo, distinguia-se com muito lustre entre a principal nobreza da Itália. Como foi criado nosso Romualdo entre as delícias de uma casa opulenta, facilmente se estilhaçou contra os ordinários escolhos da juventude. Ao regalo e à ociosidade seguiu-se bem depressa a dissolução. Ia precipitar-se na perdição, arrastado do amor aos deleites e impelido com a força do mau exemplo, quando a Providência o deteve no meio do precipício; e, querendo formar dele um modelo de santidade, serviu-se de um caso bem funesto para o logro de seus altos desígnios.

Sérgio, seu pai, homem ambicioso e violento, teve com um parente seu certa diferença, que quis terminar pelas bárbaras leis do duelo. Desafiou seu contrário e levou por segundo seu mesmo filho. Caiu morto o parente às mãos de Sérgio e à vista de Romualdo, o qual ficou tão pesaroso do sucesso, embora não tivesse tido nele mais parte que uma assistência involuntária, que se resolveu a fazer fervorosa penitência deste delito.

Retirou-se ao mosteiro de Santo Apolinário de Classe, a uma légua de Ravena, onde por espaço de quarenta dias se entregou a vários exercícios de mortificação em satisfação de seu pecado. Nos princípios não foi sua intenção permanecer naquele retiro por mais tempo; mas a providência do Senhor ordenou-o de outra maneira.

Conversava familiarmente Romualdo com um religioso leigo, homem devoto e simples, o qual lhe representava um dia o perigo que corria sua salvação se voltava a engolfar-se no borrascoso mar do mundo; e, como não ganhasse terreno para o fim que desejava naquele coração ocupado ainda das vaidades e pensamentos mundanos, disse-lhe de repente com sua simplicidade costumada: Que me darias tu se eu te fizesse ver clara e distintamente com os olhos do corpo nosso bom padroeiro Santo Apolinário? Surpreendido Romualdo ao ouvir uma proposição tão inesperada: Eu te juro — respondeu-lhe — que, se o fizeres, no mesmo instante me faço frade. — Pois hás de velar toda esta noite na igreja — replicou-lhe o piedoso leigo. Consentiu Romualdo; e, estando os dois em oração, perto da meia-noite viu de repente Santo Apolinário, vestido de pontifical, cercado de resplendores, que com um incensório na mão ia incensando todos os altares da igreja; e, concluída esta religiosa função, desapareceu. Ficou atônito Romualdo e, sentindo no mesmo ponto trocado seu coração, prostrou-se diante do altar da santíssima Virgem e, todo desfeito em lágrimas, prometeu fazer-se religioso. Assim refere esta história o bem-aventurado São Pedro Damião.

Apenas amanheceu, Romualdo pediu com instância o hábito monástico em pleno capítulo. Os monges, que tinham bem conhecido o gênio de seu pai, não se atreveram a recebê-lo desde logo, temendo alguma violência, mas por fim venceu sua perseverança.

Aos vinte anos de sua idade abraçou a regra de São Bento. Começou, não a correr, mas a voar pelo caminho da perfeição. Os mais anciãos se admiravam ao ver sua humildade, sua obediência, sua mortificação, sua devoção fervorosa. Não contava mais que três anos de monge, e já parecia varão consumado na vida espiritual; mas o ardente zelo que mostrou pela observância de algumas regras, que a relaxação havia como que ab-rogado, tornou-o odioso aos tíbios e aos imperfeitos. Olhavam-no como reformador importuno; e passou tão adiante a perseguição que se viu obrigado a buscar em outra parte asilo mais seguro a seu fervor e a seu zelo.

Retirou-se, com licença de seus superiores, a uma solidão dos estados de Veneza, onde vivia um eremita chamado Marino, em cuja simplicidade e severidade encontrou com que contentar sua humildade e satisfazer o ardente desejo que tinha de fazer penitência.

Rezava todos os dias o Saltério em companhia de seu novo diretor; e, como no princípio errava quase todos os versos, Marino, para corrigi-lo, dava-lhe um golpe com uma vara na orelha esquerda. Sofreu-o Romualdo por muito tempo sem falar palavra, até que um dia lhe disse com muita humildade que, se lhe parecia, poderia daqui em diante castigá-lo na outra orelha, porque ia perdendo o ouvido desta. Admirou-se Marino vendo a paciência de seu discípulo e, no sucessivo, tratou-o com menos severidade.

Por este tempo veio visitar nosso santo Pedro Urseolo, doge de Veneza, e por seu conselho resolveu-se a renunciar àquela dignidade que havia usurpado, tendo alguma parte no assassinato de Candiano, seu predecessor. Tendo, pois, saído secretamente de Veneza em companhia de Gradenigo, seu íntimo amigo, juntaram-se com Romualdo e com Marino e, em virtude do que anteriormente haviam conferenciado, todos quatro embarcaram-se para a Catalunha e chegaram ao mosteiro de São Miguel de Cuxá. Romualdo e Marino deixaram nele Urseolo e Gradenigo sob a disciplina de Guerino, abade do mesmo mosteiro, e retiraram-se a um deserto não distante da abadia, onde em pouco tempo concorreram muitas pessoas desejosas de servir a Deus naquela solidão. Viu-se obrigado Romualdo, a quem já olhava Marino como mestre, a encarregar-se de seu governo, sacrificando a repugnância que tinha a mandar; mas só se serviu da autoridade de superior para satisfazer o ardente desejo que tinha de fazer uma vida mais penitente e mortificada. Ao perpétuo retiro juntou o jejum mais rigoroso; dormia pouco, e o tempo que não empregava na oração dedicava-o à leitura de livros espirituais e ao trabalho manual.

O cuidado que tinha em moderar nos outros os excessos na penitência dava bem a entender que somente era austero para consigo mesmo. Era muito zeloso da disciplina regular; mas seu zelo ia sempre acompanhado de prudência e discrição. Enquanto ele se aplicava a imitar as maiores penitências dos solitários do Oriente, cujas vidas lia continuamente, tinha grande cuidado de que seu exemplo não movesse seus súditos a imprudentes excessos ou demasias. Mas todas as suas grandes penitências não bastaram para livrá-lo de molestíssimas tentações, que lhe deram bem que padecer naquela solidão. Exercitaram-no muito os demônios; mas todos os seus esforços não foram senão matéria de novos triunfos e só serviram para acrisolar sua pureza e aperfeiçoar sua

virtude.

Ocupado Romualdo nestes exercícios, soube que Sérgio, seu pai, a quem Deus havia dispensado a graça de sair do mundo e entrar em religião, rendido às sugestões do inimigo, estava resolvido a deixar a religião para voltar ao mundo. No mesmo instante deixou sua solidão, voou à Itália e, de tal maneira soube manejar aquele gênio teimoso e inconstante que, tendo-o confirmado na vocação, teve o consolo de vê-lo morrer santamente no exercício da penitência.

Logo que se soube na Itália que Romualdo estava nela, acudiram a ele de todas as partes para entregar-se à sua direção e governo. Foram tantos os novos discípulos que se tiveram de fundar muitos mosteiros. Ele se viu obrigado a encarregar-se do governo do de Bagno, não longe da cidade de Sassina. A exata observância da disciplina que estabeleceu fê-lo intolerável a muitos monges imperfeitos, que, não podendo suportar as mudas mas eficazes repreensões que lhes dava o exemplo de seu abade, não pararam até expulsá-lo do mosteiro. Sentiu Romualdo tanto este indigno tratamento que resolveu não se imiscuir mais no cuidado da salvação dos outros e atender unicamente daqui em diante ao cuidado da própria. Mas Deus lhe deu a entender que este desgosto era amor-próprio e que era tentação o que parecia virtude; pois este era justamente o laço que o diabo lhe havia armado com aquelas rebeldias.

Contudo, retirou-se ao paul de Comácchio, de onde passou a um montezinho nas faldas do Apenino, e depois foi esconder-se na ilha de Pereo; mas eram inúteis as diligências que fazia para ocultar-se, porque em todas as partes o perseguiam os fiéis. Foi preciso toda a autoridade do imperador Otão III e um preceito formal e expresso do arcebispo de Ravena para que se rendesse às eficazes súplicas dos religiosos do mosteiro de Classe, que o haviam nomeado por seu abade. Mas, apenas quis restituir a sua devida observância a disciplina monástica, arrependeram-se os mesmos que o haviam elegido e por fim o obrigaram a renunciar o emprego.

Ao mesmo tempo que seus discípulos resistiam a suas salutares instruções, não querendo aproveitar-se de seus conselhos, fazia em outros pontos conversões portentosas. O conde Olibano, movido das palavras de Romualdo, deixou o mundo e tomou a cogula de São Bento no mosteiro do monte Cassino. Um nobre alemão, chamado Tamo, seguiu o exemplo do conde. Tendo-se indisposto a cidade de Tivoli com o imperador, reconciliou os vassalos com o soberano; e, tendo este tirado a vida ao senador Crescêncio, violando a fé de sua palavra imperial, obrigou-o a ir a pé descalço desde Roma à igreja de São Miguel no monte Gargano, fazendo pública penitência e dando exemplar satisfação de seu pecado.

Retirou-se São Romualdo a Parenzo, na província da Ístria, onde fundou um mosteiro; nomeou um abade de sua satisfação que o governasse e nele se recluiu por espaço de três anos. Neste longo encerramento enriqueceu o Senhor aquele fervoroso espírito com novas e abundantes graças. Deu-lhe uma perfeita inteligência da sagrada Escritura, comunicou-lhe o dom de profecia e acrescentou-lhe o de lágrimas tão copiosas que se viu obrigado a não dizer missa em público.

Todo abrasado no puríssimo fogo do amor divino, ouvia-se-lhe exclamar muitas vezes cada dia: Ó meu doce Jesus! Ó Deus de meu coração! Ó amável Salvador meu! Ó doçura inefável dos santos! Ó delícia das almas puras! Ó doce Jesus, objeto e fim de todos os meus desejos!

Mas por fim foi preciso deixar aquela doce solidão para ir fundar um mosteiro em Orvieto. Ali teve notícia do glorioso martírio de seu amado discípulo São Bonifácio, apóstolo da Rússia e, aceso com o ardente desejo de derramar seu sangue por amor de Jesus Cristo, resolveu passar à Hungria. Já tinha a bênção e até a missão do sumo pontífice quando Deus, que lhe preparava outro gênero de martírio menos sangrento, mas não menos cruel, e que o tinha destinado para fundador de uma nova família religiosa em sua santa Igreja, permitiu que adoecesse no caminho e que por este acidente voltasse ao mosteiro de Orvieto. Mas, como não o deixassem respirar os muitos que cada dia o buscavam, retirou-se secretamente a um mosteiro situado no cume do monte de Sitria. Aqui foi onde padeceu a mais horrível calúnia que se poderia atrever à sua venerável ancianidade, sofrendo-a por espaço de seis meses sem despregar seus lábios nem tomar outra satisfação que de si mesmo na rigorosa penitência; e durante este penoso exercício de paciência e de humildade compôs uma exposição dos salmos, que se guarda hoje em Camáldoli, escrita de sua mão.

Verdadeiramente causa admiração que um só homem pudesse fazer tantas fundações; mas a mais célebre de todas foi a que fez em Camáldoli, na Toscana, sítio famoso nos vales do Apenino. Aquela veemente inclinação que tinha à solidão moveu-o a eleger este deserto. Ficou um dia dormindo perto de uma fonte e viu em sonhos uma escada que, fixada em terra, chegava com a parte superior ao céu, e reparou que seus religiosos, vestidos de branco, iam subindo por ela. Despertou o santo e, não crendo que o sonho fosse sem mistério, escolheu alguns de seus discípulos mais fervorosos e deu-lhes o hábito branco com novas constituições. Este foi o princípio da religião camaldulense, que há mais de seiscentos anos floresce no campo do Senhor e conserva hoje todo o fervor daquele primitivo espírito que recebeu de seu santo fundador e deu tantos santos à Igreja.

Sentindo Romualdo que se ia aproximando já o dia de seu ditoso trânsito, retirou-se a seu mosteiro de Val de Castro, onde vinte anos antes havia prognosticado que havia de morrer. Ali fabricou uma celinha com um oratório para encerrar-se nela e guardar silêncio até a morte; e, embora cada dia fossem crescendo seus achaques, nem por isso se deitou em mais cama que o duro chão, nem se dispensou em seus jejuns e demais penitências ordinárias. Enfim, sabendo que já havia chegado o dia em que o Senhor o queria premiar tantos trabalhos, mandou sair da cela os dois monges que o assistiam, com ordem de que não voltassem a entrar até o dia seguinte. Conhecendo o que poderia ser, obedeceram-lhe com violência; mas ficaram à porta da mesma cela para observar o que se passava. Gastou o santo algum tempo em orações vocais; mas, como os monges não o ouvissem prorromper em seus costumados afetos de amor de Deus nem em seus ordinários suspiros, entraram na celinha e acharam que acabava de expirar. Morreu, como afirma São Pedro Damião, que escreveu sua vida quinze anos depois de seu ditoso trânsito, aos oitenta anos de sua idade. Foram tantos os milagres que obrou assim em vida como depois de sua morte que, crescendo em todas as partes a opinião de sua santidade, obtiveram seus monges licença do papa para erigir um altar sobre sua sepultura cinco anos depois que morreu. Achou-se o santo corpo quase tão são e tão inteiro como no mesmo dia em que o haviam enterrado. Desde o ano de 1032 celebrou-se solenemente sua festa com autoridade da santa sé no dia 19 de junho, que era o de seu ditoso trânsito. No de 1466, quatrocentos e trinta e quatro anos depois da primeira trasladação, voltou-se a achar inteiro o santo corpo; mas sua festa, concorrendo com a dos santos Gervásio e Protásio, o papa Clemente VIII fixou-a ao dia sete de fevereiro, que foi o da referida

primeira trasladação.

Martirológio Romano

A festa de São Romualdo, abade, pai dos monges camaldulenses, cujo glorioso trânsito se celebra no dia dezenove de junho.

Em Londres, na Inglaterra, a festa de Santo Aulo, bispo, o qual, tendo terminado com o martírio a carreira de sua vida, mereceu receber a recompensa eterna.

Na Frígia, Santo Adauco, de uma ilustre família da Itália, o qual, tendo sido elevado pelos imperadores a quase todas as dignidades do império, exercendo por último o cargo de questor, foi pela defesa da fé honrado com a coroa do martírio.

Ali mesmo, muitos cristãos, habitantes de uma cidade de que era governador o mesmo Adauco, os quais, tendo perseverado constantemente na confissão da fé, foram queimados por ordem do imperador Galério Maximiano.

Em Heracleia, São Teodoro, general de exército, o qual, depois de vários tormentos sofridos sob o império de Licínio, tendo sido decapitado, entrou vitorioso nos céus.

No Egito, São Moisés, bispo venerável, que passou na solidão os primeiros anos de sua vida; mas, tendo saído dela a instâncias de Mavia, rainha dos sarracenos, e sendo sagrado bispo, converteu à fé a maior parte daquelas ferocíssimas gentes e, cheio de virtudes e merecimentos, descansou em paz.

Em Lucca, na Toscana, o trânsito de São Ricardo, rei da Inglaterra.

Em Bolonha, Santa Juliana, viúva.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Romualdo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Romualdi abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur: Per Dominum nostrum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que a intercessão de São Romualdo, abade, nos torne gratos à vossa Majestade, para conseguir por seu patrocínio o que não podemos por nossos merecimentos: Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 45 do livro do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”).

Eclesiástico 45,1-6

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Nota

«Jesus, filho de Sirach, autor deste livro, como já se disse, faz neste capítulo o elogio de Moisés, de Aarão e de Finéias. Dá princípio pelo de Moisés, a quem louva principalmente por ter sido amado de Deus e dos homens e por aquela grande moderação que conservou em meio de tantas vitórias como conseguiu e de tantas maravilhas como fez. Este mesmo elogio aplica a Igreja ao santo abade cuja memória celebra hoje.»

Reflexões

Não se fala no mundo comumente de outra coisa senão de tudo o que lisonjeia, o que brilha, o que nutre o espírito mundano, ou, por assim dizer, a própria mundanidade. Ser estimado dos grandes, ter amigos poderosos, ser bem recebido nas conversações, nas tertúlias, nas diversões do mundo: isto é o que se estima, isto é o que se admira, isto o que agrada. A virtude vive como envergonhada num canto escuro; faz pouco ruído, brilha pouco, é pouco conhecida para que os filhos deste século a cortejem nem a louvem. Enquanto isso, chega finalmente aquele tempo em que acabam seus dias esses modelos da mundana felicidade; vem a morte como uma pequena pedra e com um leve toquezinho dá em terra com esses colossos orgulhosos; sua sonhada felicidade, até sua mesma memória, tudo se acabou com a vida. Respeitos, honras, estimações, louvores, aplausos, tudo se encerrou com eles no túmulo. Pelo contrário, aquelas almas puras, inocentes, tão queridas de Deus, aqueles amigos do Esposo celestial, aquelas pessoas humildes e mortificadas, aqueles homens justos de quem o mundo não era digno, que viveram desconhecidos, pobres, oprimidos, perseguidos, menosprezados, que foram umas vezes o asco e outras a compaixão do mesmo mundo, esses só acabaram seus dias para começar a viver na glória. Sua memória está em bênção, e veneram-se até suas mesmas cinzas. Tão verdade é que, cedo ou tarde, por fim se paga o tributo que se deve à virtude. Se em vida se nega às pessoas virtuosas, depois da morte restitui-se-lhes centuplicado. Quem são os aplaudidos, os louvados depois da morte, isto é, quando nem a lisonja nem o temor nem o interesse têm parte nos aplausos? Louva-se um São Luís, um Santo Eduardo, um São Henrique; honra-se um santo lavrador, uma pobre pastora, que amaram a Deus e foram amados de Deus; estes são aqueles cuja memória está em bênção. Poderemos nós esperar a mesma sorte? Será tão bendita e tão venerada nossa memória? Isso que no-lo diga nossa consciência. Desenganemo-nos: só sabe fazer sua fortuna aquele que sabe fazer-se santo. *Fê-lo santo por sua fé e sua mansidão.* O justo vive da fé; e bem se pode dizer que a doçura é em parte o caráter da vida do homem justo. A brandura é inseparável da mortificação e da humildade; e ainda se pode acrescentar que também da inocência; portanto, não deve causar admiração que seja a afabilidade um dos traços mais sobressalentes no retrato dos santos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus.

Mateus 19,27-29

> **Latim:** [27] Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? [28] Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. [29] Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: [27] Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? [28] E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. [29] E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Da pronta obediência à voz de Deus

Primeiro ponto

Considera quanto importa ser fiel à graça, porque a salvação depende desta fidelidade. Há dias afortunados, há momentos felizes em que a graça se faz sentir e em que a voz de Deus se faz entender. Que desgraça fazer-se surdo, não estar de humor, ser insensível! *Ecce nos reliquimus omnia*: eis aqui, Senhor, que deixamos todas as coisas. À primeira palavra que vos ouvimos, no mesmo momento de vossa inspiração, ao primeiro raio de vossa divina graça, abandonamos quanto tínhamos. Quem diz tudo nada exclui: barco, redes, parentes, amigos, tudo quanto mais amávamos neste mundo. Esta generosa fidelidade, esta prontidão é a que ganha o coração de Deus. Em matéria de fé, quando se duvida, nada se crê; em ponto de conversão, quem delibera não se converte. O que faz o holocausto é a universalidade, a totalidade do que se oferece no sacrifício; e isto é o que verdadeiramente agrada ao Senhor.

Infeliz daquele que não obedece prontamente à voz do Senhor! Infeliz daquele que reparte seu coração entre Deus e as criaturas! Chama-nos Deus, e todavia se delibera, se consulta, se pede parecer à inclinação, às paixões, à carne e sangue, ao amor-próprio, para saber deles se se há de aceitar ou não o partido que Deus nos faz, se se há de entrar em seu serviço. Significam porventura outra coisa essas irresoluções, esses desejos ineficazes, esse querer e não querer, essas odiosas indeterminações? Fala-me Deus no interior de minha alma, chama-me Deus com voz distinta e perceptível; e todavia duvido se lhe obedecerei, se darei ouvidos a sua voz. Faz um mês, faz seis meses, e pode ser que faça muitos anos que Deus te está pedindo o sacrifício, não de todos os teus bens ou de tua própria vida (e, quando ta pedisse, deverias negar-lha?), mas o sacrifício de um gosto, de um deleite, de uma amizade perniciosa, dessa inclinaçãozinha vã e frívola, de um nada; e com tudo isso lho negas, não te dá vontade de ter uma condescendência com teu Deus, não estás de humor de dar-lhe esse gosto. Compreende bem a malícia, a ruindade desta repulsa, a gravidade desta injúria, a grosseria deste agravo; e com tudo isso, esse Deus a quem negas essa reforma, esse curto sacrifício, essa bagatela, é o mesmo de quem esperas cada dia novas e contínuas graças; o mesmo de quem esperas o perdão de grandes culpas e até o perdão desta mesma resistência que estás fazendo a suas graças e da grosseira desatenção com que cada dia lhe negas o que te pede de seus próprios bens. Confessemos que nossa conduta está

cheia de contradições, de impiedade e de injustiça.

Quando há de chegar o tempo, Senhor, de que eu abra os olhos para ver meus descaminhos e para espantar-me como devo de um proceder tão lastimoso e tão ímpio, se agora, se desde este instante não os abro?

Segundo ponto

Considera que não basta romper os laços, desprender o coração, deixar tudo, vencer-se em tudo. Inutilmente se poria alguém em estado de caminhar, se não tem uma boa guia a quem seguir. Eis aqui, Senhor — dizem os apóstolos ao Salvador —, que deixamos todas as coisas e te seguimos. Isto é propriamente em que consistiu seu mérito, e parece que só nesta imitação fundou Cristo sua recompensa. Vós que me seguistes — respondeu o divino Mestre — julgareis todas as doze tribos de Israel. Com efeito, de que serviria deixar todas as coisas sem segui-lo? O desprender-se de tudo tira na verdade os estorvos; mas sem seguir, sem imitar este divino modelo não se adquire a virtude.

Que lição mais importante para as pessoas religiosas! Mas quão desgraçadas serão se, depois de ter feito pedaços tantas cadeias, depois de tantos e tão custosos sacrifícios, se acharem por fim sem ter seguido a Jesus Cristo! Poderão todas dizer com confiança a este divino Salvador, a este soberano Juiz: Senhor, tudo deixamos por vosso amor e vos temos seguido? Mas que será dos que não puderem dizê-lo com verdade?

Há poucos, ainda dentro do mesmo mundo, que não estejam obrigados a deixar muitas coisas por Jesus Cristo.

Ninguém há que não deva desprender seu coração do afeto de tudo o que possui, se quer ser discípulo de Cristo; ninguém há que não deva renunciar-se a si mesmo: mas poderão todos os do mundo dizer que seguiram a Cristo?

Seguir a Cristo é ser humilde de coração, inocente, manso, mortificado, caritativo; é levar sua cruz todos os dias, é fazer-se contínua violência, é domar o amor-próprio, é sujeitar as paixões, é seguir as máximas e os conselhos de Cristo e é olhar com horror as máximas do mundo. Aquela pessoa religiosa tão pouco mortificada, tão pouco observante, tão pouco regular, terá seguido a Cristo? Aquele homem do mundo tão vão, tão ambicioso, tão carnal, tão delicado, tão colérico, terá seguido a Cristo? Aquela mulher mundana, ocupada todo o dia no toucador e na vaidade, dedicada à ociosidade, às diversões, ao regalo e ao melindre, terá seguido a Cristo? Aquela outra tão indevota e tão pouco cristã, segue a Jesus Cristo? E sigo-o eu mesmo?

Coisa verdadeiramente assombrosa! Todos esperam o prêmio, sendo assim que são pouquíssimos os que cumprem as condições indispensáveis para merecê-lo. Cada um julga que tem direito para poder dizer com os apóstolos: *Quid ergo dabis nobis præmii?* Que prêmio nos hás de dar? E quão poucos são os que podem dizer com eles: *Secuti sumus te*: Senhor, temo-vos seguido e tudo deixamos por vosso amor. Quem há que não pretenda salvar-se? Quem que não pretenda estar

algum dia na glória em companhia dos bem-aventurados e ter parte na mesma recompensa? Mas em que fundamos esta pretensão? Em que esta confiança?

Funda-se, Senhor, em vossos infinitos merecimentos, em vossa misericórdia infinita, em vossa infinita bondade; mas também sei que deve fundar-se em vossas palavras e em vossos exemplos. Falsa foi até aqui esta confiança presunçosa; mas, doce Jesus meu, desde este mesmo dia começará a ser verdadeira e perfeita, fazendo-se racional e cristã. É necessário indispensavelmente imitar-vos e seguir-vos para ter parte em vossa recompensa; resolvido estou a fazê-lo desde este mesmo ponto, mediante vossa divina graça, à qual não quero já resistir.

Jaculatórias

> *Trahe me: post te curremus in odorem unguentorum tuorum.* Ct 1.

Levai-me, Senhor, para vós, para que vos siga apressadamente, correndo atrás do odor de vossos exemplos.

> *Hodie si vocem ejus audieritis, nolite obdurare corda vestra.* Sl 94.

Se ouvirmos neste mesmo dia a voz do Senhor, obedeçamos-lhe sem a menor dilação.

Propósitos

1. Os desejos matam os preguiçosos, diz o Sábio; porque não são desejos verdadeiros, mas imaginários. Figura-se a alguém que quer o que reconhece ser bom e necessário; mas realmente não o quer, visto que não faz a menor diligência para consegui-lo. Olha bem que não te suceda o mesmo nesses desejos infrutuosos e estéreis que costumas sentir quando lês ou quando meditas. Os desejos reais e eficazes nutrem a alma, porque são o manancial e a fonte das boas obras; mas esses outros desejos imaginários e passageiros a matam, porque, entretendo-a com mil projetos aéreos de conversão, um mais inútil que o outro, são causa, por assim dizer, de que a pobre morra de fome. Neste sentido se diz comumente que o inferno está povoado de bons desejos. Não te contentes com dizer: isto é verdade, isto convence; não há coisa mais comum. Examina seriamente a que coisa está apegado teu coração e se verdadeiramente renunciaste tudo o que possuis, no sentido em que o entende Jesus Cristo e em que indispensavelmente pede que o pratiquem todos os que querem ser discípulos seus: isto é, se te sentes com disposição de sacrificar o mais precioso, o mais estimado que tens no mundo, antes que ofender a teu Deus. Neste particular, como em muitos outros, o coração engana a imaginação; lisonjeia-se alguém com

a vã imaginação de que não tem apego a nenhum bem criado, e em realidade é escravo de todos. O trabalho que custa pagar a esses oficiais, a esses criados; a dificuldade que se sente em fazer aquela restituição, em cumprir aqueles legados piedosos, em fazer aquelas esmolas, não provam na verdade um grande desapego. Não queiras enganar-te voluntariamente; faze hoje o que deverias ter feito muitos dias há. As pessoas religiosas estão obrigadas a um grande desprendimento; e neste não basta de ordinário que seja afetivo: é preciso que seja efetivo e real. Reforma desde este mesmo dia tudo o que na hora da morte há de assustar tua consciência e no dia do juízo há de servir para instruir teu processo.

2. Os propósitos hão de descer sempre a coisas particulares. Não é possível que não haja mil coisinhas supérfluas em todo esse trem de casa e de atavios; corta desde hoje mesmo algumas alfaias inúteis, ao menos pouco necessárias: pois a modéstia cristã te fará conhecer que há entre elas não poucas bem supérfluas. Não esperes a que um revés de fortuna, a que a idade ou a morte te despojem delas; faze voluntariamente o sacrifício que algum dia hás de fazer por necessidade. Se chegar hoje a voz de Deus a teus ouvidos, obedece-lhe fielmente; não queiras endurecer teu coração dilatando para outro dia o que Deus te inspira que faças hoje: *Hodie si vocem ejus audieritis, nolite obdurare corda vestra.* Que dor terão algum dia os que lerem isto sem haver tirado fruto algum!

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:41 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:42 by Admin